

# Da Sexualidade na 3ª Idade ou do Não-Envelhecimento do Desejo <sup>1</sup>

Maria Inês de Araujo <sup>2</sup>

*Este artigo apresenta uma análise da evidência do caráter imorredouro do desejo inconsciente através da expressão da sexualidade em pessoas com idade avançada. Baseia-se numa série de comportamentos observados durante atividade em que ouvem leitura de material literário. Estes apontam para uma reedição de vivências edípicas dos sujeitos do grupo.*

*This article presents an analysis of the evidence of the undieing character of the unconscious desire through the expression of sexuality among the elderly. It is based on a series of observed behaviors during reading activity in which they listen to literature material. These point to a reedition of the Oedipus experience of the group subjects.*

## Introdução

O presente trabalho refere-se a observações iniciais feitas sobre a manifestação da sexualidade em um grupo de pessoas idosas, durante atividade de leitura desenvolvida com elas às quartas-feiras, com duração de cinquenta minutos. A atenção flutuante registra a repetição de certos comportamentos que dão mostras do caráter inesgotável do desejo inconsciente, os quais apontam para revivescências edípicas. Esse desejo de ler para os idosos é fruto de um ímpeto antigo de contribuir para o fortalecimento do ego das pessoas com idade avançada. Em algum ponto de um artigo sobre o desenvolvimento emocional das crianças, está anotado que o ego do idoso torna-se tão frágil quanto o da criança. Dentro dessa relação de similitude, refletiu-se sobre a situação das pessoas idosas vivendo em um estado de dependência, em que o abandono produz maior impacto do que em outras etapas e circunstâncias da vida (excetuando-se a fase da infância). A iniciativa de desenvolver junto a elas essa atividade de leitura tem por objetivo minorar-lhes o peso da realidade da vida.

De acordo com o projeto inicial, serão lidos os cinco livros de José Lins do Rego que formam o conjunto dos escritos da chamada fase do “Ciclo da Cana-de-Açúcar”.<sup>1</sup> Este romancista foi escolhido porque fala das coisas da vida e da natureza humana com muita simplicidade, sendo superado apenas pela simplicidade com que essas coisas ocorrem e existem. Adotou-se como pressuposto que a vida contada em seus livros seria parecida com a dos idosos, até mesmo pelo fato de ser a Paraíba (e, por extensão, também Pernambuco) o “setting” cultural de suas vivências emocionais da infância, adolescência e vida adulta. Até o início da atividade, não se suspeitava, porém, de que o desejo inconsciente dos idosos pudesse ascender à forma de conteúdo manifesto a partir do estímulo literário, mesmo conhecendo-se de antemão a riqueza de material psicanalítico contido nos escritos de José Lins do Rego. Foi a partir dessa constatação, até certo ponto surpreendente, que surgiu a idéia de aproveitar-se o material para fins de um começo de análise, agora apresentada.

O grupo é formado em sua maioria por mulheres, tendo apenas um homem. Vive numa comunidade para pessoas idosas pobres e sem familiares, ou abandonados pelos parentes. As idades variam entre sessenta e sete e oitenta e cinco anos. A frequência média de comparecimento do grupo é de sete pessoas, que demonstram interessar-se pelo material literário, além de compreendê-lo.

Não se trata de um grupo terapêutico, no sentido clínico. A atividade se desenvolve num “setting” aberto onde os participantes entram e saem livremente do recinto. Como o local não é protegido com paredes, é comum a atividade ser perturbada pela presença de visitantes, pessoal da administração ou outros residentes. Dentre esses últimos, alguns apresentam comprometimento psicótico. Três regras ordenam o funcionamento da atividade: a leitura, horário para começar e horário para terminar. A leitura toma o lugar do que seria, no enquadre clínico, a associação livre. O material de leitura é detonador da transferência de material inconsciente tanto em relação aos colegas quanto em relação à

minha pessoa. A fantasia também se explicita sem, contudo, poder ser interpretada sob pena de praticar-se a psicanálise selvagem.

## Observação e Teoria

*O problema com a fala: rivalidade e inveja*

Desde o primeiro encontro com o grupo, chamou atenção o fato de as mulheres se irritarem muito entre elas, mais precisamente quando alguém fala. A reação padrão costuma ser uma delas interpor-se à fala da outra ou desqualificá-la por meio de palavras ou de expressões faciais de desagrado; ou ainda, numa atitude de desaprovação, dizer àquela que fala: *“vamos cuidar de ler senão nós não oice”*, ou *“deixa ela falar”*, numa menção para a leitura continuar. Existe uma sensação de que a fala da outra tem que ser destruída, como se houvesse indícios de inveja.

Na passagem de **“Menino de Engenho”** para **“Doidinho”**, fez-se um intervalo para introduzir-se, em dois encontros, material dos contos de fadas, os quais vieram a aflorar no grupo o tema da inveja. No momento da leitura do trecho de **“A gata borralheira”** *“... quando saltaram da carruagem, o passarinho branco apareceu e, com o bico, furou-lhes os olhos (das irmãs), castigando-as, assim, pela sua maldade”* (PIMENTEL: 1955,p.152), dona Josefa reage com a observação: *“Olhe inveja o que é que faz! (...). A senhora hoje se apresenta molhada, (?) mas não vive invejando os outros. Tem um coração limpo e pode se apresentar de qualquer jeito”*. Através da expressão **a senhora**, parece falar dela própria, numa tentativa de dissimular o mecanismo projetivo (LAPLANCHE e PONTALIS:1992,p.374), resultando aqui que outrem e não ela é que sente inveja, a exemplo do que acontece no conto, onde Gata Borralheira possui todas as virtudes e as irmãs toda a maldade.

Perguntou-se ao grupo o significado de inveja. Seu Severino responde o seguinte: *“A inveja é da natureza. Só chega na pessoa quando é moço. Na minha idade não, porque a pessoa velha não pode mais passear. O moço tem o prazer de passear, de ter mais que os outros (...). Só acha bonito o que vê, da boniteza da pessoa, do roçado, do gado.”* Esta fala, decomposta em suas partes, enseja pelo menos três observações teóricas. 1) **É da natureza**: Spinosa (apud MEZAN:1987,p.123) afirma: *“Os homens são geralmente dispostos por natureza a invejar aqueles que são felizes e a invejá-los com um ódio tanto maior quanto amam a coisa que imaginam na posse do outro”*. 2) **Só chega na pessoa quando é moço**.

(MEZAN: op. cit., p.117) diz que a inveja é um sentimento que dificilmente é confessado porque causa vergonha ao invejoso. Quando explicitado, é geralmente acompanhado do qualificativo ‘saudável’, numa tentativa de se defender dessa vergonha. Isso, contudo, não faz com que a inveja deixe de ser inveja e tampouco perca os atributos que a definem: arrebatador, privar, destituir alguém de algo (ibid., p.122). 3) **O moço tem o prazer (...) de ter mais que os outros**. Essa parte sugere a evidência daquilo que Klein (1991) aponta como um dos mecanismos de defesa contra a inveja e que chama de *“suscitar inveja nos outros”* por meio de seus próprios sucessos, posses e boa sorte. No entanto, é uma operação precária, porque o feitiço volta-se contra o feiticeiro gerando ansiedade persecutória, por meio da qual *“as pessoas invejosas e em particular o objeto interno invejoso são sentidos como os piores perseguidores”* (op.cit.,p.251).

Insistiu-se, contudo, em saber se a inveja não ocorre também nas pessoas idosas e se não se verifica entre eles. Flora, sessenta e sete anos, reage apontando: *“Pia em dona Josefa!?”* E continua: *“Eu dou com uma mão e escondo a outra. Porque se eu der, por exemplo, um sabonete a alguém aí vão dizer que estou me pabulando.”* Muito embora os exemplos que o grupo apresenta se refiram a coisas materiais, MEZAN (1987) afirma que a coisa a qual se quer arrebatador do outro não tem que necessariamente ser um bem material. Ilustra sua assertiva citando o exemplo do invejoso de **O Purgatório**, na **Divina comédia**, de Dante Alighieri, sobre o qual o consagrado autor diz que *“seu sangue fora de tal modo consumido pela inveja que lhe bastaria ver um homem se alegrar para que seu rosto se cobrisse de palidez”* (op.cit.,p.122). Qualquer que seja o bem em questão, o que o

torna motivador da inveja e, portanto, objeto de inveja é a capacidade de servir de *suporte empírico* para o alojamento de projeção de algo *idealizado*, *imaginário* ou *fantasmático* (ibid., p.126) que se supõe assegurar ao seu detentor um estado de felicidade e que, se estivesse em mãos do invejoso, asseguraria a este último uma felicidade igual (ibid., p.123). Com base nessa premissa, sinto-me encorajada a atribuir valor de inveja à fala expressa pelo grupo, não apenas por sua capacidade intrínseca de suscitá-la, mas também por acreditar num aumento desta, por efeito do processo de deslocamento e condensação. A velocidade, facilidade e independência, entre outros aspectos, com que a fala se efetiva parecem fazê-la dizer da falta a que cada integrante do grupo está submetido.

### *As lembranças edípicas dos pais*

O narrador/personagem inicia o primeiro capítulo de **Menino de Engenho** com a frase: *“Eu tinha uns quatro anos no dia em que minha mãe morreu”* (LINS DO REGO:1974,p.3). Vale lembrar que o pai do personagem era psicótico, que assassinara a mulher e que fora internado. A capacidade do autor em explicitar a saudade do menino Carlinhos da vivência edipiana do casal parental leva-o, ao longo dos primeiros capítulos, a assim se expressar: *“O que eu sentia era uma vontade desesperada de ir para junto de meus pais, de abraçar e beijar minha mãe (...). Na hora de dormir foi que senti de verdade a ausência de minha mãe (...). Meu pai (...) sempre que estava comigo, era a me beijar, a me contar histórias, a me fazer os gostos (...). Eu o amava (...). Ela passava o dia inteiro comigo (...). Junto dela eu não sentia necessidade de brinquedos (...). À noite ela me fazia dormir. Adormecer nos seus braços, ouvindo a surdina daquela voz, era o meu requinte de sibarita pequeno (...). Ela me enchia de carícias (...) e vejo-a assim, ainda tomando conta de mim, dando-me banhos e me vestindo (...). A morte de minha mãe me encheu a vida inteira de uma melancolia desesperada”* (ibid.,pp.4-7). O tema mobilizou de forma significativa duas senhoras. Nina, de oitenta e cinco anos (que dois meses depois diz que casara com um viúvo trinta anos mais velho que ela, que o casamento foi muito feliz e que ele gostava tanto dela que a tratava como se fosse uma filha) emociona-se todo o tempo e diz: *“quem não tem pai e mãe não tem nada na vida.”* Diante dessa reação, perguntei-me como pode uma pessoa nessa idade ainda sentir falta da mãe. Fui socorrida, entretanto, pela evocação das características do inconsciente, postuladas por Freud: isenção da contradição mútua, dominação do processo primário, intemporalidade e substituição da realidade externa pela realidade psíquica (FREUD:1970,Vol. XIV, pp.213-217). A partir daí, consolidou-se a convicção de que o desejo inconsciente é sempre criança, que nunca envelhece.

No tema do Édipo, enquadra-se também o comportamento de Flora diante da narrativa da visita que o cangaceiro Antônio Silvino fez ao engenho do avô do menino: *“À noitinha chegava o bando (...) Antonio Silvino à frente (...). Nós meninos numa admiração de olhos compridos para o nosso herói, para o seu punhal enorme, os seus dedos cheios de anéis de ouro e a medalha com pedras de brilhante que trazia no peito. O seu rifle pequeno, não o deixava, trazendo-o entre os joelhos”* (ibid.,p.19). Contrariando sua atitude de nunca falar, Flora diz baixinho que o pai trabalhou para o bando do cangaceiro. Ao final da atividade, dirigiu-se a mim para dizer que ainda lembrava quando ele veio à sua casa e na sala perguntou ao seu pai quem era ela. O pai mandou-a ir à cozinha buscar brasa para acender seu cachimbo, numa demonstração de querer demarcar a territorialidade paterna. Nesse ponto, ela introduz a lembrança de que *“eu ainda andava de calcinha.”* Significativo também o ato falho que fez *“essa é uma história venérea”*, querendo dizer que a narrativa era verdadeira. A partir daí, Flora passou a vir a cada encontro usando um diferente e extravagante colar e um par de brincos. Em seguida, passou a fumar cachimbo. Começou a sentar-se numa cadeira distante das demais, de costas, e num plano onde eu primeiro tinha que passar por ela para só então me aproximar do restante do grupo e chegar ao meu lugar. Em seu comportamento, pode-se inferir que o uso do colar faz lembrar a medalha do cangaceiro, enquanto fumar cachimbo evoca o hábito e a solicitação do pai. Perguntei-lhe se a mãe não trazia brasa para o pai. Responde dizendo que *“ela estava no*

*riacho lavando roupa e que tinha raiva da cachaça dele.”*

Finalmente, é preciso fazer-se alusão ao movimento transferencial em relação à minha pessoa que, acoplada à rivalidade fraterna disseminada entre eles, encontra expressão por meio de dois exemplos. Primeiro, na pessoa de Nina, através da repetição de frases como: *“Eu estava aqui esperando pela senhora”; “Deixe ela falar”; “Olhe, por mim eu passava o dia inteirinho escutando esta leitura”*. Depois em seu Severino, setenta e oito anos, num dia em que, ao encontrá-lo sozinho, pergunto pelas mulheres. Ele responde que estão lá dentro, vendo a Missa do Carmo, parecendo querer que minha atenção seja apenas para ele. Indago-lhe se devo chamá-las e ele responde que não. Curiosamente, insinua que um banco próximo dele não está molhado, pretendendo esquecer que cada um no grupo naturalmente escolheu e se fixou na ocupação de um lugar. Em seguida, após um bom tempo, com a chegada delas, quando alguém pergunta se faz tempo que começou, ele responde: *“faz pouquinho”*. Noutra situação, ao chegar depois de um encontro que não pude realizar, ele comenta contente: *“Graças a Deus que a senhora voltou!”*

### *Manipulação sexual do próprio corpo*

Há um século Freud revelou à ciência que a sexualidade humana se manifesta desde o início da vida. No entanto, as pessoas ainda relutam em aceitar essa evidência. A resistência ao reconhecimento da sexualidade na infância parece caminhar lado a lado com aquela demonstrada em relação à sexualidade do idoso. Se as babás sabiam do erotismo nas crianças antes de Freud, como ele mesmo diz, os enfermeiros e enfermeiras também têm conhecimento de sua existência entre os idosos a quem o cuidado lhes é confiado. Se Freud diz que esquecemos nossa sexualidade do tempo de infância devido aos efeitos produzidos nela pela ação do recalque (FREUD:1970, vol. VII, p. 164), por que negamos a do idoso se antes não fomos velhos? Seria por causa das dificuldades edípicas que impedem a admissão da existência da sexualidade entre um homem e uma mulher adultos que, afinal, são meu pai e minha mãe? Seria a necessidade de recobrir essa realidade com a mesma fantasia angelical que serve para negar a sexualidade infantil? O fato é que a sexualidade na pessoa idosa é quase sempre vista como aberrante, desviante. Mesmo em relação ao idoso de posses, que dá provas de sua capacidade sexual e reprodutiva não faltam comentários ou dúvidas quanto à prova dos fatos.

Tendo a família como seu principal agente, a sociedade reprime o idoso, particularmente as mulheres, de procurar um objeto de amor ou um substituto para aquele que foi perdido. Obriga-o com isso a tentar bastar-se a si próprio através da estimulação pessoal de seu corpo. Assim agindo, dentre outras coisas, desconsidera o fato de que também ele está apto para amar, já que, como nos diz a psicanálise, o sujeito em nenhum período de sua vida atinge a perfeição de sua vida sexual. Isso deixa margem a inferir-se que, na idade avançada, o indivíduo possa amar eroticamente o outro com os meios que lhe são disponíveis e livre da condenação da sobrecarga sublimatória, em que os netinhos, preferencialmente, representam os objetos para os quais sua pulsão sexual deva se dirigir. Será que apenas o poeta é capaz de reconhecer, de público, aquilo que ouvidos e olhos, desde que livres da censura, facilmente identificariam como desejo sexual na pessoa idosa? Assim, em **“O amor nos tempos do cólera”**, Gabriel Garcia Márquez atinge a clareza daquilo que pode ser a vida amorosa das pessoas idosas, na história de um casal de septuagenários, ela viúva e ele solteiro: *“Fermina Daza continuou imóvel até a madrugada, pensando em Florentino Ariza (...) como era agora, decrépito e descadeirado, mas real (...). Ao vê-lo assim, vestido para ela (...), não pôde impedir o rubor de fogo que lhe subiu ao rosto (...). E por volta das oito não agüentou mais as ânsias de estar com ele. Saiu ao corredor na esperança de encontrá-lo (...). Teria ficado assim até o amanhecer, calada, a mão dele suando gelo em sua mão (...). Procurou se despedir com um beijo, mas ela lhe ofereceu a face esquerda. Ele insistiu, já com a respiração entrecortada, e ela ofereceu a outra face com uma coqueteria que ele não vira nela quando colegial (...). Atraveu-se a explorar com a ponta dos dedos seu pescoço flácido, o peito encouraçado de*

*varetas metálicas, as cadeiras de ossos carcomidos, as coxas de corça velha. Ela o aceitou com agrado e de olhos fechados, mas sem arrepios, fumando e bebendo aos goles espaçados (...). As carícias deslizaram para seu ventre (...). No remanso perfumado do camarote, fizeram um amor tranqüilo e são, que se fixaria em sua memória como a melhor lembrança daquela viagem”* (GARCIA MÁRQUEZ: s/data, pp.406-425).

Freud afirma que o excesso de coerção sexual, promovido pela contínua e cada vez mais intensa exigência de sublimação, não traz maiores benefícios à coletividade (FREUD:1970, Vol. XI, p.50 e Vol. IX, p.191), exatamente pela fatura que lhe é cobrada com a neurose individual.

Os participantes do grupo têm dado mostras de uma sexualidade em ação. Durante a leitura, enquanto as mulheres parecem demonstrar satisfação sexual por meio de risos e espantos com algumas passagens da leitura, o único homem do grupo a obtém de modo direto, através da carícia explícita que dirige ao seu órgão genital. Tendo seu mundo fantasístico possivelmente ameaçado, reage rápida e ríspidamente quando dona Josefa, diante da passagem *“E ali, sozinho no quarto, os pensamentos maus me conduziam às gostosas masturbações”*, (LINS DO REGO: 1974, p.111), pergunta: *“O que é isso?”*. *“Pode continuar”* diz ele dirigindo-se a mim. E a ela, em tom de censura: *“Por que tem que ficar perguntando as coisas? Eu fico aqui escutando e não fico perguntando o que não entendo.”* Dona Josefa: *“Eu só queria saber o significado disso”*. E ele novamente: *“São coisas da vida”*.

O gosto demonstrado pela reza do terço por parte das mulheres parece assumir forma substitutiva para a atividade masturbatória. Isso faz lembrar Freud em **“O Homem dos Lobos”**, quando diz que um dos objetivos da educação religiosa é restringir as pulsões sexuais do indivíduo ao ser-lhe proporcionada uma chance para sublimação (FREUD:1970, Vol. XVII, p.143). Mas restringir não significa acabar. Prova disso é dada por Alzira durante seus momentos de tudo a Deus entregar, não apenas a parte superior do corpo com a blusa desabotoada para tomar sol, como ainda a narina na qual é introduzido um pedaço pequeno de alguma coisa. Talvez, quem sabe, numa tentativa de obter um gozo que mais se aproxime da qualidade do obtido pela fonte genital da pulsão.

## Conclusão

A exposição destas observações iniciais sobre o desejo inconsciente no indivíduo com idade avançada pode ser concluída com uma série de perguntas, esperando que as indagações, a seguir, possam servir de reflexão e, oxalá, como ponto de partida para o aprofundamento das questões aqui apenas levantadas.

1. Qual o valor dessas observações para a crescente construção do conhecimento psicanalítico?
2. Há demanda psicanalítica por parte de pessoas idosas em número tal que enseje o fomento do conhecimento teórico?
3. Seria o “setting” analítico o único meio de se estudar o comportamento inconsciente dessa faixa de idade? Haveria possibilidade de uma adaptação do enquadre psicanalítico à situação em questão sem perda de rigor científico-metodológico e, portanto, da confiabilidade do material investigado?
4. Não deveria o estudo do inconsciente, na pessoa idosa, tornar-se também preocupação da psicanálise, tanto para recuperar o tempo em que o assunto tem sido relegado quanto por consideração ao fato de que a expectativa de vida das pessoas vem aumentando com os avanços da ciência? Tanto por um como por outro motivo, o conhecimento que ela possa gerar poderia reverter-se em benefício da sociedade, sob a forma de uma nova atitude face à terceira idade (hoje já se fala mesmo em quarta) para que essas pessoas possam viver o prazer do desejo ao qual têm direito?

1 Apresentado durante a III Jornada Norte/Nordeste do Círculo Brasileiro de Psicanálise e II Jornada da Sociedade Psicanalítica da Paraíba. João Pessoa-PB, de 07 a 09.11.97.  
2 Ph.D., em Educação pela Universidade de Londres; Professora Adjunta aposentada da UFPB; Membro do Instituto de Estudos Psicanalíticos da Sociedade Psicanalítica da Paraíba.

**NOTAS:**

1 Menino de Engenho (1932), Doidinho (1933), Bangüê (1934), O Moleque Ricardo (1935) e Fogo Morto (1934).

2 De acordo com o artigo Seeking a better way to dir, de John Horgan, publicado na revista 'Scientific American' de maio de 1997, as pessoas com oitenta e cinco anos e mais representam hoje 1% da população americana. Estima-se que na metade do próximo século essa cifra se eleve a 5%. Atualmente em termos absolutos isso significa, aproximadamente, 250.000 pessoas a partir dos dados apresentados no Atlas Geográfico Mundial da Folha de São Paulo, 1994, 2a edição, p.125.

**BIBLIOGRAFIA:**

**ATLAS Geográfico Mundial**, Folha de S.Paulo, 1994.

**FREUD**, Sigmund., O Inconsciente (1915), Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume XIV, 1970.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), Ensaio II - A sexualidade infantil, Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume VII, 1970.

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise (1909), Quinta lição, Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume XI, 1970.

\_\_\_\_\_. Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908), Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume IX, 1970.

\_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918 [1914] ), Rio de Janeiro, Imago Editora, Edição Standard Brasileira, volume XVII, 1970.

**GARCIA MÁRQUEZ**, Gabriel., O Amor nos Tempos do Cólera, Rio de Janeiro, Editora Record, 6a. edição, s/data.

**HORGAN**, John., Seeking a better way to die, in Scientific American, May 1997.

**KLEIN**, Melanie., Inveja e Gratidão in Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos, Rio de Janeiro, Imago Editora, 2a. edição, 1991

. **LAPLANCHE**, Jean e **PONTALIS**, J-B., Vocabulário da Psicanálise, São Paulo, Martins Fontes, 2a. reimpressão da 2a. edição, 1992.

**LINS DO REGO**, José ., Menino de Engenho, Rio de Janeiro, 20a. edição, Livraria José Olympio Editora, 1974.

**MEZAN**, Renato., A Inveja, in Cardoso, S., (Org.), Os sentidos da Paixão, São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

**PIMENTEL**, Figueiredo., A Gata Borralheira, in Contos da Carochinha, Rio de Janeiro, Livraria Quaresma Editora, 23a. edição, 1955.

**Círculo Brasileiro de Psicanálise- Seção RJ**

Av. Nossa Senhora de Copacabana, 769/504

Rio de Janeiro. RJ. CEP: 22050-002

Tel: 21 - 2236-0655

Fax: 21 - 2236-0279

E-Mail: [cbprj@cbp-rj.org.br](mailto:cbprj@cbp-rj.org.br)